



GT 41. Etnografia nas cidades e narrativas imagéticas

Coordenador(es):

Jesus Marmanillo Pereira (UFMA - Universidade Federal do Maranhão)

Cornelia Eckert (UFRGS)

As cidades em suas complexidades e contradições, suas transformações e suas crises, suas dinâmicas e diferenças são questões antropológicas que receberam importante atenção nos estudos etnográficos. Pesquisas que ao portarem atenção aos antagonismos, aos conflitos e segregações consolidam a prática antropológica e produzem um profícuo debate com base em etnografias urbanas. Elas sinalizam a desnaturalização de realidades sociais, violências, injustiças, discriminações, e disjunções que marcam tais cenários. Não raro, focalizam-se sobre as formas de sociabilidade, os códigos de emoções, as redes de solidariedade, os lugares de identidades e sobre os nós de memórias nos espaços e nos tempos vividos pelos cidadãos, nas territorialidades de convívio ou de pertença. Ao atentarmos para estas produções, percebemos a recorrência à produção de narrativas imagéticas a partir de diferentes suportes como fotográficos, videográficos, fílmicos, sonoros, desenhos e performances. Produção que constitui a estética e estilística da etnografia, e que circula em outras formas relacionadas à pesquisa antropológica: exposições fotográficas, mostras fílmicas, expressões artísticas, audições, em redes sociais online e na web. Buscamos pesquisas que reflitam sobre o urbano, a partir de etnografias que dialoguem com tais representações imagéticas, que apontem para as relações de poder, configurações no campo de pesquisa, memórias e a complexidade das urbes nos diferentes contextos, locais e global.

Identidades de gênero e práticas nos espaços citadinos de Belém - PA por pessoas trans

Autoria: Gleidson Wirllen Bezerra Gomes (UFPA - Universidade Federal do Pará)

O objetivo deste estudo é apresentar uma narrativa imagético-fotográfica sobre a prática de espaços (CERTEAU, 2016) de Belém (PA) por pessoas trans. O texto, assim, integra as discussões da minha tese de doutoramento sobre a produção das subjetividades trans/identidades de gênero na relação com cidade. A narrativa que proponho trata-se de dois momentos organizados pela ONG Rede Paraense de Pessoas Trans (REPPAT), referentes aos atos em alusão ao Dia da Visibilidade Trans, 29 de janeiro. Os atos foram realizados nos anos de 2019 e 2020, tendo como foco a visibilização das vivências trans na cidade de Belém, a partir da ocupação de espaços públicos na capital paraense. Ou, como afirma Rafael Carmo, um dos interlocutores desta pesquisa e coordenador da REPPAT, é preciso que os corpos e vivências trans sejam vistos ?em plena luz do dia?. Ao partir da perspectiva de Simmel (2005) sobre a vida na grande cidade e da Antropologia Urbana, em parte herdeira do pensamento simmeliano (VELHO, 1978, 1980; PERLONGHER, 1984, 2008; ROCHA; ECKERT, 2013; SILVEIRA, 2016), interessa-me compreender aspectos da construção das identidades de gênero entre pessoas trans no trânsito pela cidade, ou ainda, nas táticas que constroem politicamente para praticá-la. Neste caso, destaco as ações da REPPAT enquanto grupo organizado de pessoas trans na luta pela visibilidade, a partir de suas agências nos espaços da cidade como formas de manifestação ético-estética na urbe amazônica. A primeira narrativa que proponho aborda o ato-manifesto realizado na tarde dia 27 de janeiro de 2019 em frente ao Mercado de São Brás, no bairro de São Brás, com o tema ?Ser Trans é resistência. Minha identidade é um ato político?. Neste ato a questão da identidade de gênero aparece como algo central para as pessoas trans. Já o ato ocorrido em 2020 foi denominado de II Piquenique Trans. O piquenique foi realizado num domingo, dia 26 de janeiro de 2020, na Praça da República, bairro da Campina, no centro da cidade, e o foco da ação foi a visibilidade das vivências trans. A escolha da Praça da República no domingo pela manhã foi justamente por ser o dia e horário de maior movimento naquele espaço público,



com famílias, jovens e crianças. O objetivo das pessoas trans era mostrar às pessoas presentes na praça que aquele espaço também deve e pode ser praticado pelos(as) transexuais. Por fim, destaco que estes dois atos organizados pela REPPAT demonstram, de maneira pontual mas significativa, uma parte da luta das pessoas trans em Belém pela visibilidade e respeito às suas vivências. Trata-se de uma forma de luta assumida por essas pessoas quanto ao direito à ocupação de espaços públicos da cidade, com o objetivo de afirmar suas identidades de gênero como parte relevante das vivências no cotidiano da urbe.

[Trabalho completo](#)



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: